

ENERGÚMENOS E ANTROPÓFAGOS NO ÉDEN: O ORIENTE NAS OBRAS VIAGENS DE MARCO POLO (1298) E A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS (1873), DE JULES VERNE

Princisval Ferruce
Universidade Federal de Viçosa (UFV)
princisval.ferruce@hotmail.com

Resumo: Marco Polo e Jules Verne compartilham mais que uma identidade cristã-europeia, compartilham o interesse e o fascínio pelas áreas mais remotas do globo. Região inóspita, ao mesmo tempo receptiva, a Ásia assume em Marco Polo, características mágicas, sobrenaturais, na qual, o único escapismo da danação iminente era seguramente a cruz. Em Verne, o oriente é igualmente exótico e ameaçador, no entanto, o feérico perde espaço, já não mais corresponde às expectativas do europeu moderno.

Palavras-chave: Etnocentrismo. Literatura Comparada. Orientalismo.

Abstract: Marco Polo and Jules Verne share more than a European Christian identity, they share the interest and fascination by the most remote areas in the world. Inhospitable region, but at the same time receptive, Asia assumes in Marco Polo magical characteristics, supernatural, in which the only escapism for the imminent damnation is surely the cross. In Verne the Orient is equally exotic and threatening, however, the magical loses ground, it does not correspond more of the modern Europeans.

Keywords: Ethnocentrism. Comparative Literature. Orientalism.

1 INTRODUÇÃO

Os quase seiscentos anos que separam o veneziano Marco Polo (1254-1324) do francês Jules Verne (1828-1905) não foram suficientemente longos para que o oriente abandonasse por completo seu milenar *status* de “bárbaro e místico”. *Viagens de Marco Polo*¹ (1298), e *A volta ao mundo em 80 dias* (1873), ao trazerem para a cena europeia a temática oriental, saciaram, ao mesmo tempo que instigaram, a curiosidade acerca dos povos e das plagas além do levante e das regiões mais austrais.

Tanto Polo quanto Verne fazem parte de uma tradição de autores que, cada

¹ Inúmeros são os títulos pelos quais a obra é conhecida: *A descrição do mundo*, *O livro das maravilhas* ou ainda *O milhão*.

qual em sua época e com suas especificidades, ofereceram ao leitor europeu um retrato mais ou menos fiel ou fantástico das culturas orientais. O primeiro, por meio de seus relatos de viagem, fruto de suas observações *in loco*. O segundo, por meio de suas novelas, concebidas apenas com referências que estavam à sua disposição, principalmente informações oriundas de tratados de geografia e de ciências naturais.

Partindo da concepção de que “todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64), as linhas abaixo pretendem articular “a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma com a História num sentido abrangente” (CARVALHAL, 1992, p. 86). O presente artigo, portanto tem por objetivo, explicitar as aproximações e distanciamentos entre estas duas obras, no que diz respeito à caracterização dos personagens e dos territórios asiáticos. Ciente de que oriente é uma classificação antes cultural que geográfica, a estigmatização do não ocidental serviu no sentido de consolidar uma identidade cristã-europeia. A noção de “oriente ajudou a definir a Europa – ou o Ocidente –, como sua imagem, ideia, personalidade e experiência de contraste” (SAID, 1978, p. 14). Ou, como observou Montaigne “esse vasto mundo é o espelho em que precisamos nos olhar para nos conhecermos bem” (MONTAIGNE *apud* TODOROV, 2006, p. 237). Nesse sentido, ambas as obras, serviram, inconscientemente, sem equívocos, a estes propósitos.

Apesar da fama alcançada ainda em vida, entre seus contemporâneos, a biografia de Polo permanece obscura, o pouco que se sabe acerca de sua trajetória deve-se às sua memórias, escritas numa língua híbrida franco-italiana, existente nos séculos XIII e XIV.

Marco Polo, que estava preso em Gênova, pela pena de Rusticello de Piza, conhecido escritor do século XIII e seu companheiro de infortúnio, perpetuou sua suposta trajetória de vinte e quatro anos pela Ásia.

Os relatos de viagem são tão antigos quanto as próprias viagens, tendo encontrado desde a Alta Idade Média a simpatia do público, mantendo o interesse aceso durante os séculos subsequentes. No caso de Polo, a localização espacial de Veneza era propícia para o contato entre culturas díspares, “as condições geográficas do mediterrâneo asseguraram o contato entre populações muito

diversas tanto física quanto culturalmente: europeus cristãos, mouros e turcos, muçulmanos, africanos animistas” (TODOROV, 2006, p. 232).

A reboque do processo de conquista de Constantinopla pelos cruzados em 1204, particularmente mercadores venezianos e genoveses garantiram o domínio de determinadas rotas, o que tornou possível comerciantes do ocidente se aventurarem até a China e a Índia, a Guerra Santa está, deste modo, na origem da descoberta do mundo para os europeus, e é neste contexto que a família Polo empreende suas expedições (DRÈGE, 2002).

A viagem de Marco tem início após o retorno de seu pai Niccolò Polo e de seu tio Maffeo Polo – ambos mercadores – de uma missão comercial ao oriente. Utilizando a Rota da Seda, Marco une-se à segunda excursão da família, passando pela Anatólia, Irã, Afeganistão, Pamir, Turquistão até chegar ao território chinês, permanecendo aí durante dezesseis anos, a serviço do imperador Mongol Kublai-Khan. No retorno, em grande parte feito por via marítima, passou pela Indonésia, Indochina, Ceilão e Índia. Foi no contato direto com os povos destes locais que Polo extraiu matéria-prima para a edificação de sua obra.

A segunda expedição da “família Polo”, não consistiu apenas em uma missão meramente mercantil, mas foi também “uma missão diplomática, religiosa: eles são os enviados do papa e, como tal, não são os primeiros. Religiosos, franciscanos, ou dominicanos, os precederam” (DRÈGE, 2002, p. 90). Esses antecessores também deixaram relatos descritivos sobre a cultura e o território oriental, igualmente ricos em informações, no entanto, não atingiram a notoriedade do veneziano. *Viagens de Marco Polo* tornou-se paradigma devido, em grande parte, à lenda propagada por Giovanni-Batista Ramusio a partir do século XVI, que publicou o livro na sua grande coleção de viagens, tentando fazer uma nova *Odisseia* e, de Marco Polo, um novo Ulisses.

Desconsideradas as discussões a respeito da veracidade de seus relatos, é indiscutível o valor histórico e literário de suas descrições, que continuam despertando o interesse do público leitor e da crítica².

² Recentemente, a Netflix, empresa que oferece serviços de televisão pela internet, exibiu a primeira temporada da série intitulada Marco Polo, inspirada no livro, com grande liberdade, entretanto. Sucesso entre o público, os US\$ 90 milhões gastos na produção não impediram que a empresa fechasse contrato para a uma segunda temporada.

Igualmente indiscutível é a importância e a influência de Jules Verne. Profícuo estudioso da ciência de sua época, e considerado pai da moderna ficção científica, não se deteve apenas às aventuras fantásticas, em obras como *Vinte mil léguas submarinas* (1869), *Viagem ao centro da terra* (1864), *Da terra à Lua* (1865), como também colocou como protagonistas em suas novelas culturas rotuladas até então como exóticas. Exemplos dessa tendência são: *Cinco semanas em balão* (1863), ambientado no território africano e *A jangada* (1880), que toma como cenário a Amazônia brasileira.

A volta ao mundo em 80 dias, ao contrário do relato de Polo, não tem pretensão pedagógica, não no sentido de apresentar à Europa uma descrição de mundo, profano.

A novela de Verne foi escrita sob circunstâncias muito distintas, uma vez que a Europa do século XIV mal despontava, estando à margem de outras culturas guerreiras e pujantes. Comparado com outras tradições como a islâmica e a mongol, por exemplo, o mundo cristão representava um pequeno universo à parte, marginal (MOTA, 1989).

Antes zona periférica, constantemente ameaçada por uma invasão islâmica, a Europa oitocentista, de coadjuvante, tornou-se personagem central no cenário mundial, principalmente a partir das grandes navegações. Em um plano de consciência, já no Renascimento, há uma aceitação da “própria diversidade histórica, pois começaram a se considerar os herdeiros de duas tradições bem separadas, a greco-romana, de um lado, e a judaico-cristã, do outro” (TODOROV, 2006, p. 232).

No plano físico, a Europa na qual Verne viveu desempenhava um papel central no chamado Neocolonialismo, contexto no qual as nações industriais expandiram sua zona de influência e dominação no continente africano e asiático.

Dessa forma, *A volta ao mundo em 80 dias*, nasce em um período de incessantes inovações tecnológicas, no qual as áreas mais incógnitas do globo estavam sendo aos poucos descortinadas³.

³ Eric Hobsbawm simulou como seria uma viagem ao redor do globo em 1848. Apenas 25 anos antes da publicação da obra de Verne, tal empreendimento duraria cerca de onze meses. Os cálculos de Verne eram baseados em informações atualizadas da época. O que possibilitaria sua viagem seria os avanços náuticos e, principalmente, a explosão ferroviária que a segunda metade do século XIX conheceu (HOBBSAWM, 1988).

A história gira em torno de dois personagens principais, Fíleas Fogg, inglês rico, excêntrico e metódico e seu criado francês, Fura-Vidas. Após Fogg fazer uma aposta de vinte mil libras, entre seus companheiros do Clube Reformador, saem de Londres com a missão de atravessar o planeta em pelo menos oitenta dias. Passando pelo Egito, Índia, Hong Kong, Japão e EUA, deparam-se com os povos típicos destas regiões. Munido de sua imaginação privilegiada, Verne constrói seus escritos a partir de outros escritos, outras imagens, alimentando sua ficção com fontes precisas (RIAUEDEL, 1992). Fíleas Fogg, protagonista principal, parece representar essas habilidades explícitas do autor francês:

Teria viajado? Provavelmente, porque ninguém melhor do que ele dava a mais perfeita descrição do mapa terrestre. Não havia lugar, por afastado que fosse, de que não parecesse ter particular conhecimento. Às vezes, mas sempre em poucas, breves e claras palavras, retificava as mil versões falsas que circulavam no clube a propósito de viajantes perdidos ou extraviados. Indicava as verdadeiras probabilidades e as suas palavras, muitas vezes, passavam como inspiradas por uma espécie de dom profético, pois os fatos acabavam sempre por justificá-las. Era homem que devia ter viajado por toda parte – quando mais não fosse em espírito (VERNE, 2010, p.14).

As palavras ditas acima são oriundas do narrador em relação ao herói da história, mas se encaixa perfeitamente com a descrição biográfica de Verne. Se o autor francês não viu o mundo com seus próprios olhos, não deixou de descrevê-lo com relativa fidelidade. Entretanto, é essencial e imprescindível ter em mente que, ao representar outras culturas, a perspectiva do olhar é etnocêntrica. Enxerga-se o mundo do alto, da Europa, do “olimpico imperial”.

2 UM CONTINENTE, DOIS MUNDOS

Do ponto de vista geográfico, Europa e Ásia formam um *continuum*, a Eurásia. Apesar da arbitrariedade da classificação Oriente e Ocidente, pois para delimitar a longitude, não existe um ponto de partida natural, fixo, a “Ásia nunca deixou de representar o ‘outro histórico’, na maioria dos contextos: a terra, religiões e povos estranhos” (GOODY, 2008, p. 29).

O itinerário da expedição da família Polo não é conhecido com exatidão. Em seu relato, Marco Polo descreve tanto regiões pelas quais ele passou, quanto as que

ouviu falar, não se baseando em sua própria experiência, mas em fontes orais e escritas.

Para Jean-Pierre Drège, Marco Polo apresenta-se mais como um contista do que como um mercador que estava interessado em oferecer suas experiências de viagem. Em diversos momentos, reproduz narrativas já conhecidas pelo imaginário medieval. “Ele se inspirou na tradição dos bestiários e nas obras enciclopédicas, tais como a *Imagem do Mundo*, ou romances lendários como o *Romance de Alexandre*, muito apreciados na Idade Média” (DRÈGE, 2002, p. 88).

A Índia, para o cidadão do medievo, era um mundo de riquezas que estava atrelado a um sonho de exuberância fantástica. Terra cheia de monstros, a infinidade de seres mágicos fez com que o ocidente escapasse “à realidade medíocre de sua fauna, reencontra a inesgotável imaginação criadora da natureza e de Deus” (LE GOFF *apud* DRÈGE, 2002, p. 152).

Em seu livro, o território asiático figura em vários momentos como hostil, estradas de péssimas qualidades, clima árido e estéril, insalubre e destituído de água. Em outros momentos o excesso de água ocasionado pela cheia dos rios é o problema, impossibilitando o trânsito entre as cidades e povoados. Frio e calor intenso coexistem, variando de região para região:

Por aqui faz um calor abrasador. Se não fossem as fontes de água nos jardins das redondezas das cidades, morrer-se-ia de calor, ainda mais que, no verão, sopra um terrível vento, carregado de areião sufocante. As pessoas refugiam-se nos mananciais de água. [...]. Depois de março, devido ao terrível calor, não se encontra sequer um fio de erva verde pelo chão; apenas as tamareiras erguem-se impávidas (POLO, 1989, p. 27).

Curiosamente, em sua descrição, Marco Polo parece dar mais ênfase às belezas e exuberâncias da fauna e flora orientais. Ao falar sobre um dos oito reinos da Pérsia:

O viajante cavalga durante sete dias por uma grande planície, onde há abrigos para se refugiar. Essa planície é bonita, cheia de bosques, onde a caça, tanto de aves como de animais, é copiosa. Nos bosques predominam as codornas e as perdizes. É agradável viajar por esse lugar, onde vimos também belíssimos burros selvagens (POLO, 1989, p. 25-25).

Em comparação com o Ocidente, todo o tempo, as riquezas minerais, ouro, prata, pedras preciosas variadas, figuram-se como mais abundantes. São destacados, também, a arquitetura de grandes cidades, assim como os produtos artesanais de belezas indescritíveis, como tapetes e vestimentas, principalmente os de seda. O oriente também é cenário de grandiosos castelos, comida e bebida em fartura, além de possuir os melhores cavalos do mundo.

Seu relato, rejeitado por Dante Alighieri, por considerar “uma fábula e por levantar dúvidas heréticas, sobretudo na descrição dos costumes de outros povos, teve com certeza o mérito de estimular as mentes dos navegantes em direção ao oriente” (MOTA, 1989, p. 169). Livro de cabeceira de Cristóvão Colombo, contribuiu para a era das grandes descobertas durante o século XV que transformaram a imagem do mundo e o próprio mundo (DRÈGE, 2002).

Verne, concomitantemente, destaca as belezas naturais presentes no cenário asiático, como também dá relevo às produções materiais arquitetônicas; mesquitas, minaretes, templos, faquires e pagodes, no caso da cultura indiana. Fíleas Fogg, após comprar sua passagem de trem que atravessaria o subcontinente indiano:

Não pensava, portanto, em ver coisa alguma das maravilhas de Bombaim, nem o edifício da câmara, nem a rica biblioteca, nem os fortes, nem as docas, nem o mercado de algodão, nem os bazares, nem as mesquitas, nem as sinagogas, nem as igrejas armênias, nem o esplêndido pagode do Monte Malabar, ornado de duas torres poligonais. Não contemplaria nem as obras-primas de Elefanta, nem os seus misteriosos hipogeus, ocultos a sudeste do ancoradouro, nem as grutas de Kanheria da Ilha Salsette, admiráveis restos da arquitetura budista! (VERNE, 2010, p. 52).

Verne, assim como ocorre em *Viagens de Marco Polo*, pinta o oriente não apenas com atributos positivos. Todavia, não dá tanta ênfase às hostilidades do terreno. Ao contrário dos perigos encontrados frequentemente no trajeto empreendido por Polo, seus heróis contam com relativo conforto e segurança ao longo do percurso, principalmente por meio de embarcações e trens.

A partir do século XIX, a evolução nos transportes “incorporou até os países atrasados e anteriormente marginais à economia mundial, e criou nos velhos centros de riqueza e desenvolvimento um interesse novo por essas áreas remotas” (HOBBSAWM, 1988, p. 96). Em Polo e Verne, os perigos naturais variam em grau,

mas não os perigos humanos, que são mais corriqueiros. Os heróis do segundo, ao atravessarem a Índia:

Durante aquela manhã, passada a estação de Malligaum, os viajantes atravessaram o território funesto, tantas vezes ensanguentado pelos sectários da deusa Kali. Não muito longe, elevavam-se Ellora e seus admiráveis pagodes, mais adiante Aurangabad, a capital do feroz Aurangzeb, presentemente simples capital de uma das províncias desmembradas do reino de Nizam. Era nessa província que Feringhea, o chefe dos tugues, rei dos estranguladores, exercia o seu domínio. Esses assassinos, formando associação misteriosa, estrangulavam, em honra da deusa da morte, vítimas de todas as idades, sem nunca derramarem sangue. Houve tempo em que não se podia revolver nenhum ponto do solo daquele país sem que se encontrasse um cadáver. O governo inglês conseguira, em notável proporção, impedir os assassinios, mas a temível associação ainda existia e continuava a funcionar (VERNE, 2010, p. 58).

Como ocorre nos dois livros, a natureza, apesar de seus caprichos, é retratada com qualidade superior aos originários da terra, como se esses fossem, de certa forma, indignos de possuí-la. *A volta ao mundo em 80 dias* foi escrita em um período no qual grande parte da Ásia estava sob domínio político e militar europeu, destacadamente inglês. A selvageria e a bestialidade observada entre os nativos era, em certo grau, minimizada com a presença de cidadãos do velho mundo nas cidades coloniais. Porém, quanto mais distante do polo irradiador de civilização, mais terríveis eram os nativos. Em Calcutá:

Atravessaram as estreitas ruas da cidade negra, cujos edifícios eram sórdidos barracões nos quais pululava uma cosmopolita e bizarra população suja e andrajosa. Penetraram depois na cidade europeia, com suas vistosas construções e amplas ruas, sombreadas por coqueiros e eriçadas de mastros, por entre os quais, apesar da hora matinal, deslizavam já elegantes cavaleiros e carruagens esplêndidas (VERNE, 2010, p. 80-81).

Albert Memmi identifica na mentalidade colonizadora a existência de uma série de negações relativas ao colonizado, pois este nunca “é considerado positivamente; ou se o é, a qualidade concedida procede de uma lacuna psicológica ou ética” (MEMMI, 1967, p. 96). Na condição de “missionário civilizador”, o ocidental rejeita a identidade do nativo, impondo sobre estes a “humanidade do colonizado”.

3 A SUPERIORIDADE DA CRUZ

O que permaneceu aparentemente constante no período que separa *Viagens de Marco Polo* e *A volta ao mundo em 80 dias* foi o sentimento de dever cristão em purificar o mundo do mal. Esse mal, a princípio, na Idade Média, foi manifestado no judaísmo e no islamismo. Após a conquista da Terra Santa durante as Cruzadas, o ocidental redirecionou seu olhar às regiões mais longínquas do globo, em sua concepção, esquecidas por Deus. No campo da religião, Marco Polo deparou-se com as mais diversas formas de crenças: maometanos, zoroastristas, budistas, que contrastaram com a sua cosmovisão cristã (MOTA, 1989, p. 165).

Logo nas primeiras páginas de *Viagens de Marco Polo*, deparamo-nos com um tom que flerta com uma espécie de proselitismo. É especificada a missão dada à família Polo pelo imperador mongol Kublai-Khan junto ao Papa:

O grande senhor pedia ao pontífice que lhe enviasse seis homens sábios e castos para revelar aos idólatras e aos adeptos de outros credos da região – todos obras do diabo – a superioridade e a eficácia da religião cristã. Pediu, também, que os dois irmãos trouxessem-lhe um pouco do óleo da lâmpada que arde sobre o Santo Sepulcro, em Jerusalém (POLO, 1989, p. 10).

Marco Polo e Jules Verne, ao tratarem das religiões orientais, apresentam suas descrições de forma gritantemente parcial. Na do primeiro, os que mais são desonrosamente representados são os sarracenos. Os adoradores de Maomé são expostos como pessoas de má índole, desleais, desumanos, belicosos, sanguinários etc.

Não obstante, se não são poupados nos relatos de Polo, os sarracenos, apesar de sua crueldade sem limites, por meio da conversão, poderiam encontrar um novo recomeço, materializado na conversão. Após fazerem uma aposta com os seguidores de Cristo sobre a possibilidade de estes moverem uma montanha:

O califa lá estava com seus homens armados, prontos para a chacina, porque ninguém acreditava que a montanha pudesse sair do lugar. Os cristãos, de joelhos, em prece fervorosa, viram a montanha desmoronar e mudar-se. Estupefatos, os sarracenos e o califa, que presenciaram o milagre, converteram-se ao cristianismo. E quando o califa morreu, não o enterraram junto de seus antepassados, mas o colocaram em outro lugar, com uma cruz ao pescoço (POLO, 1989, p. 22).

O universo religioso presente em *A volta ao mundo em 80 dias* não é nem de longe rico como as *Viagens de Marco Polo*, porém, como faz o veneziano, Verne também vulgariza e estereotipa não poupando críticas às crenças não cristãs:

Ao meio-dia, o guia deu o sinal de partida. O terreno tomou bem depressa aspecto selvático. Às grandes florestas, sucederam-se os matagais de tamarindos e de palmeiras anãs. Em seguida, planícies extensas e áridas, erçadas de arbustos diversos e cobertas em certos pontos de grandes blocos de sienitos. Toda essa parte do alto Bundelkhand, pouco frequentada por viajantes, é habitada por população fanática, endurecida nas práticas mais terríveis da religião indiana. O domínio dos ingleses não pôde estabelecer-se regularmente em território submetido à influencia dos rajás, aos quais seria difícil alcançar, nas suas posições inacessíveis encaçadas nos Vindhias (VERNE, p. 64).

Mais adiante:

Na frente vinham os padres, de mitras na cabeça, trajando hábitos compridos, sarapintadas de várias cores. Rodeavam-nos vários homens, mulheres e crianças, que faziam ouvir uma espécie de salmodia fúnebre, interrompida com intervalos iguais por toques de tantãs e de címbalos. Atrás deles, sobre o carro de grandes rodas, cujos raios figuravam serpentes entrelaçadas, puxado por duas parelhas de zebus cobertos de ricas mantas, apareceu uma estátua horrível. A figura tinha quatro braços, o corpo pintado de vermelho sombrio, os olhos ferozmente arregalados, os cabelos revoltos, a língua pendente, os lábios tintos de hena e de bétele. Cingia-lhe o pescoço um colar de cabeças humanas, e os flancos, uma faixa de mãos decepadas. Estava em pé sobre um gigante derrubado e sem cabeça.

Francis Cromarty reconheceu a estátua.

– A deusa Kali – murmurou ele, a deus do amor e da morte.

– Da morte, admito, mas do amor, nunca! – protestou Fura-Vidas. – Excomungada mulher.

O parse fez-lhe sinal para calar-se.

Em torno da estátua agitava-se e contorcia-se um grupo de velhos faquires, adornados com listras de ocre, cobertos de incisões cruciais e vertendo sangue gota a gota (VERNE, 2010, p. 66).

Quando não se trata de uma religião monoteísta, Polo comumente utiliza o termo classificador genérico “idólatra” como rótulo. Estes idólatras, são retratados por vezes como gentis, amistosos, dispostos a dividir com os forasteiros, suas esposas e seus mantimentos, quando há abundância. Em outros momentos, são representados como nefastos e sem escrúpulos, cruéis e selvagens. Ao descrever alguns desses idólatras, Polo nos diz que: “esse povo come todas as qualidades de

carne, as mais nojentas, até mesmo a carne humana! Os guerreiros tonsuram-se e tatuam-se com uma ponta de lança, tornando-se extremamente cruéis. Sua crueldade não tem parâmetro” (POLO, 1989, p. 113).

O tema da antropofagia é frequente, beirando a banalidade. A recorrência desse tema na literatura e na mentalidade medieval, como já nos alertou Le Goff, pode ter se manifestado como uma resposta:

Diante da moral rígida imposta pela Igreja, manifesta-se a perturbadora sedução de um mundo da aberração alimentar, onde se pratica coprofagia e canibalismo, de inocência corporal onde o homem, libertado do pudor quanto às vestimentas, reencontra o nudismo, a liberdade sexual, na qual o homem, livre da indigente monogamia das barreiras familiares, entrega-se à poligamia, ao incesto, ao erotismo (LE GOFF *apud* DRÈGE, 2002, p. 152).

Conforme explica Hilário Franco Júnior, para o homem medieval, o referencial de todas as coisas era o sagrado, estando sempre à mercê de forças incontrolláveis e desconhecidas. “A concretude da religiosidade medieval [...] decorria dessa interpretação de mundo que via o sagrado, divino ou demoníaco por toda parte” (FRANCO JUNIOR, 2001, p. 140). Nesta visão hierofânica de mundo do medievo, coexistiam anjos e demônios. O bem e o mal. Na literatura de Polo, o mal é representado, principalmente, pela fé islâmica e pelas religiões idólatras.

4 SOBRENATURAL E O MARAVILHOSO

O título original da obra de Polo, *Divisament du Monde* é revelador no que diz respeito às suas expectativas didáticas que o levaram a “discorrer sobre os costumes de outros povos esbarrando nos perigosos e vigiados limites da heresia” (MOTA, 1989, p. 162). É dessa forma que é criada uma interpretação do mundo a partir de suas experiências vividas. Interpretação que, explicitamente, não consegue separar o real do imaginário.

Em Polo, o oriente é local onde alguns dos relatos bíblicos ganham extensão. É demarcado o local onde estariam a arca de Noé e o Túmulo de Adão, além de fazer referência aos reis magos, por exemplo. Entretanto, mais do que complementar a mitologia cristã, cria uma nova representação das religiões pagãs, pautadas essencialmente no sobrenatural, no pacto com o diabo:

Nessas planícies, há cidades, castelos e aldeias, todos murados, devido ao perigo que as tribos assaltantes constituem. Esses ladrões conhecem tão bem as artes mágicas, que conseguem escurecer o dia. Quando querem assaltar um lugar, fazem descer a noite, durante sete longos dias, para que ninguém os veja. Feito o trabalho, penetram na cidade que já conhecem, e vão saqueando. Como os assaltantes chegam a ser dez mil homens, dificilmente se salva homem ou animal. Eles matam os velhos e escravizam os jovens para vendê-los alhures (POLO, 1989, p. 26).

O poder mágico inerente aos sacerdotes e à população idólatra é recorrente em todo o relato de viagem. As habilidades mágicas mais comuns estão relacionadas ao poder de dominar a natureza:

Esqueci-me de contar um milagre que tem lugar naquele palácio, quando o tempo se torna ameaçador. Se por acaso, no verão o Gran-Khan se encontrar nesse palácio e houver alterações climáticas, os astrônomos e os mágicos farão que a chuva não caia sobre o palácio. Esses sábios homens chamam-se Tebot e conhecem as ciências ocultas mais do que os outros; julgam-se santos. Esses mesmos homens aos quais me refiro costumam cozinhar e comer as pessoas mortas por ordem do soberano, mas tão só esses, pois excluem os casos de morte natural. Seu domínio das artes mágicas é tal que, estando o Gran-Khan à mesa em seu salão de gala, eles fazem que os copos de vinho, de leite e de outras bebidas, que estão do outro lado do salão, passem por sobre a mesa em frente do rei, sem pessoa alguma os tocar. Este fato é verídico e foi presenciado por dez mil pessoas, o que, sem dúvida, é obra de feitiçaria (POLO, 1989, p. 54-55).

Os idólatras estão, também, comumente atrelados às práticas antropofágicas. A descrição física antropomorfa, dos membros de algumas comunidades é frequente: “neste reino encontram-se homens de rabo comprido, que vivem nas montanhas, longe da cidade. Os rabos são grossos como os de cachorro. Encontram-se também muitos unicórnios, animais de caça e muitas aves” (POLO, 1989, p. 123-124). O que se abstrai nestes relatos é que estas características fenotípicas estão em conformidade com a maldade e a selvageria conatural desses nativos:

Agama é uma ilha sem rei. Seus habitantes são idólatras e vivem como animais selvagens. Têm todos cabeça de cachorro e dentes e narizes parecidos com os de um grande mastim. É uma terra onde medram árvores de especiarias, mas os habitantes são maus, pois comem todos os forasteiros que podem capturar (POLO, 1989, p. 124-125).

Apesar das similaridades encontradas tanto em *Viagens de Marco Polo*, quanto em *A volta ao mundo em 80 dias* no que diz respeito à representação do oriente como território exótico e repleto de ameaças, é evidente a diferença entre os dois autores, no que se refere à construção de um relato maravilhoso ou verossímil.

Uma das principais características de Jules Verne como literato é sua capacidade de criar seu universo ficcional baseando-se em informações escritas precisas acerca dos povos que protagonizam suas histórias. Desta forma, apesar dos seus possíveis exageros, privilegiou um equilíbrio entre a Ásia fantástica e o que já havia sido desmistificado no decorrer dos séculos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se no século XIX a Ásia ainda não estava completamente livre das representações feéricas, é evidente que comparado ao cidadão medieval, o oitocentista se distanciou significativamente das explicações de mundo pautadas no sobrenatural. Jules Verne reatualiza as fábulas tradicionais por meio da ótica científicista do século XIX (VECCHIO, 2014). O progresso da ciência de seu tempo era ao mesmo tempo o freio e a força propulsora para que seus relatos de viagens fantásticas fossem construídos. Verne antecipa “na ficção um futuro que viria a se confirmar nos detalhes de suas projeções tecnológicas” (FACCIOLI, 2012, p. 165). Polo não tinha essas referências. Estava à mercê de relatos facciosos de outros exploradores e de sua memória.

Segundo ELIOT (*apud* CARVALHAL, 1992), para que um artista ou obra de arte seja valorizado, é necessário contrastá-los com seus antecessores. *Viagens de Marco Polo* atravessou os séculos com seu prestígio intacto. Se os leitores do século XIII enxergavam-no como uma enciclopédia de remotas regiões, figurando como um tratado de geografia, de zoologia, de botânica e, em outro sentido, como um livro de profanidades, os leitores atuais encontram em suas páginas um diário da mentalidade europeia medieval, no qual as lacunas de informações sobre o oriente geraram uma descrição do mundo fundamentada na imaginação.

A volta ao mundo em 80 dias, rompe com o fantasioso, com o onírico, fazendo da máquina, da ciência e do relógio mecânico os principais norteadores de suas representações das culturas não ocidentais. Comparando com *Cinco semanas*

em *balão* (1863), por exemplo, primeira grande novela de Jules Verne, publicada dez anos antes, é nítida no primeiro livro uma tonalidade mais agressiva e combativa.

Pode-se pensar que a África, para o oitocentista, equivalia à Ásia para o cidadão europeu do século de Polo. Para escrever sobre o continente negro, Verne utilizou-se de fontes escritas advindas de inúmeros aventureiros, relatos de pouco rigor científico. O continente africano, em sua época, ainda não havia sido efetivamente subjugado e partilhado entre potências industriais.

Tanto em *Viagens de Marco Polo* quanto em *Cinco semanas em balão*, a impressão que temos é que o mundo não estava no caminho adequado, estava um caos. A deficiência da Europa está implícita em sua impossibilidade de impor de maneira mais eficaz sua cosmovisão. É como se o europeu fosse um intruso incolor no mundo africano e asiático. Em *A volta ao mundo em 80 dias* isso já não ocorre. O mundo é a Europa, e o intruso é outrem.

REFERÊNCIAS

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.

DRÈGE, Jean-Pierre. *Marco Polo e a Rota da Seda*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

GOODY, Jack. *O roubo da história: Como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do oriente*. São Paulo: Contexto, 2008.

FACCIOLI, Luiz Paulo. Júlio Verne. In: MASINA, Lea (org.). *Guia de leitura: 100 autores que você precisa ler*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2012.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

HOBBSAWM, Eric. *A era do capital: (1848-1875)*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

_____. *A era dos Impérios: (1875-1914)*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MOTA, Carlos Guilherme. Posfácio. In: POLO, Marco. *Viagens de Marco Polo*. São Paulo: Clube do livro, 1989.

POLO, Marco. *Viagens de Marco Polo*. Tradução de N. Meira. São Paulo: Clube do livro, 1989.

RIAUDEL, Michel. O rio palimpsesto: o Amazonas de Júlio Verne, das fontes à ficção. *Revistausp*, São Paulo, 1992. Seção artigos. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp>. Acesso em: 24 mar. 2016.

SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

STELL, Smily. Nova série história inspira expansão da NETFLIX. *Gazeta do Povo*, 2014. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/new-york-times/nova-serie-historica-inspira-a-expansao-da-netflix-ehfkuww2abquufjtbfazwtjda>. Acesso em 04 de nov. 2015.

TODOROV, Tzvetan. *A viagem e seu relato*. *Revista de Letras*, São Paulo, 2006. Seção artigos. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/letras>. Acesso em: 24 mar. 2016.

VECCHIO, Daniel. Estudos introdutórios sobre a utopia e a distopia científica nas obras de Júlio Verne. *Recorte*, Belo Horizonte, 2014. Seção artigos. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br>. Acesso em: 24 mar. 2016.

VERNE, Júlio. *A volta ao mundo em 80 dias*. Tradução de José Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2010.